**As Narrativas & as Almas**

**Quando Kafka Previu Nosso Pesadelo Moderno: A Metamorfose e a Uberização em 1915**

*"Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso."*

*Por Aracy Raquel Lousada*

Esta frase, escrita por Franz Kafka em 1915, não é apenas o início de uma das obras mais perturbadoras da literatura mundial. É uma profecia. Uma visão aterrorizante do que nos tornaríamos cem anos depois: criaturas rastejantes, presas em nossos próprios lares, trabalhando até a exaustão para sustentar um sistema que nos devora.

Você já se perguntou por que, mesmo com toda a tecnologia, trabalhamos mais horas do que nossos avós? Por que, apesar de toda a "flexibilidade" prometida pelos aplicativos, nos sentimos mais presos do que nunca? Kafka sabia. Ele viu tudo isso vindo.

Gregor Samsa era um caixeiro-viajante. Acordava cedo, pegava trens, visitava clientes, sustentava a família. Sua vida inteira girava em torno do trabalho - até o dia em que acordou transformado em um inseto gigante. Mas aqui está o detalhe que nos arrepia: mesmo transformado, mesmo incapaz de se mover direito, a primeira preocupação de Gregor não foi consigo mesmo. Foi com o trabalho.

Isso te lembra alguém? Talvez aquele motorista de aplicativo que você conhece, dirigindo 12 horas por dia, sem férias, sem plano de saúde, mas sempre preocupado em manter sua "nota" alta? Ou aquele entregador pedalando sob chuva, correndo contra o tempo para não ser "desativado" pelo algoritmo?

Na história de Kafka, a família de Gregor depende totalmente de seu trabalho. O pai, a mãe, a irmã - todos vivem às custas dele. E quando Gregor se transforma e não pode mais trabalhar, não recebe compreensão ou cuidado. Recebe nojo, raiva e, finalmente, o desejo de que desapareça.

Hoje, trocamos "família" por "plataforma". O Uber, o iFood, a Amazon - são eles que dependem de nós, que nos sugam até a última gota. E quando adoecemos? Quando não conseguimos mais "performar"? Somos simplesmente substituídos por outro "parceiro". Sem aviso prévio, sem indenização, sem nem mesmo um "obrigado pelos serviços prestados".

A crueldade é a mesma: você existe apenas enquanto produz.

Kafka escreveu sobre um mundo onde forças invisíveis controlam nossas vidas. Em "O Processo", K. é julgado por um crime que não conhece, por um tribunal que nunca vê. Em "A Metamorfose", Gregor é punido por uma transformação que não escolheu.

Hoje, chamamos essas forças invisíveis de "algoritmos". Eles decidem quanto você vai ganhar, quantos trabalhos vai receber, se você vai ser "promovido" ou "rebaixado" no sistema. Você não sabe como funcionam, não pode questioná-los, não pode apelar de suas decisões. São juízes invisíveis que determinam seu destino.

O motorista de Uber não sabe por que, de repente, parou de receber corridas boas. O entregador não entende por que sua conta foi bloqueada. Vivemos no mundo kafkiano: punidos por crimes que não cometemos, julgados por tribunais que não vemos.

"Seja seu próprio chefe!" "Trabalhe quando quiser!" "Liberdade total!"

Estas frases soam familiares? São o canto da sereia da economia de plataforma. Mas Kafka já conhecia essa música. Gregor também achava que tinha escolhas - poderia trabalhar menos, poderia mudar de profissão. Mas a realidade é que ele estava preso num ciclo: precisava trabalhar para pagar as dívidas da família, que só aumentavam porque ele precisava trabalhar cada vez mais.

A "liberdade" de escolher seus horários se torna a escravidão de estar disponível 24 horas por dia. A "flexibilidade" se torna a obrigação de aceitar qualquer condição, qualquer pagamento, qualquer humilhação.

Você é livre para recusar uma corrida. Mas se recusar muitas, será punido pelo algoritmo. Você é livre para não trabalhar no domingo. Mas se não trabalhar, não comerá na segunda.

É a liberdade do pássaro na gaiola: pode voar, desde que não tente sair.

Há algo profundamente físico na transformação de Gregor. Seu corpo se deforma, se torna estranho, inadequado para a vida que levava. Ele não consegue mais se mover como antes, não consegue mais se comunicar.

Olhe para os trabalhadores uberizados de hoje: corpos destruídos por horas na mesma posição, músculos atrofiados, coluna danificada. Mãos deformadas de tanto segurar o celular. Mente fragmentada de tanta pressão. Relacionamentos destruídos pela ausência constante.

A metamorfose não é metáfora. É realidade. Estamos todos nos transformando em criaturas que não reconhecemos, adequadas apenas para produzir, inadequadas para viver.

No final da história, Gregor morre. E sua família... sente alívio. Finalmente livres do "fardo", podem pensar no futuro, fazer planos, viver suas próprias vidas.

Na economia uberizada, a morte é simbólica, mas não menos real: é a "desativação", o "descadastramento", o sumiço silencioso de quem não consegue mais acompanhar o ritmo. E o sistema sente alívio. Uma vaga a menos na lista de espera, um "parceiro" a menos para dividir as corridas.

Ninguém pergunta o que aconteceu com José, que parou de aparecer online. Ninguém se importa se Josephine conseguiu outro trabalho depois que foi desativada. Eles simplesmente somem, como Gregor sumiu, deixando apenas um eco de produtividade perdida.

Kafka entendia algo fundamental sobre o trabalho moderno: ele não nos liberta, nos devora. Não nos realiza, nos deforma. Não nos conecta com outros humanos, nos isola em pequenas células de produtividade.

Ele sabia que por trás de toda modernização, de toda promessa de progresso, há sempre a mesma pergunta cruel: "E o que você produz hoje?"

A genialidade de Kafka foi transformar essa percepção em arte. A nossa tragédia é ter transformado sua arte em realidade.

Ler "A Metamorfose" hoje é como olhar num espelho distorcido onde reconhecemos nossa própria face. A pergunta que fica é: vamos continuar fingindo que está tudo normal? Que essa é a evolução natural do trabalho? Que não há alternativas?

Ou vamos fazer o que Kafka fez: encarar o monstro de frente, dar nome ao horror, e talvez, quem sabe, encontrar uma forma de voltar a ser humanos?

Porque se há uma coisa que Kafka nos ensinou é que a verdadeira metamorfose não é virar inseto. É perder a capacidade de sonhar que poderia ser diferente.

E você? Quando foi a última vez que sonhou com algo além do próximo trabalho, da próxima corrida, da próxima entrega?

Talvez seja hora de acordar.

Escrito em 22/08/2025

Revisado em 03/09/2025